

## ■ CAPÍTULO 2 ■

### SÓCRATES

*“Cada um tem o Sócrates que pode.”*

Francis Wolff

*Neste capítulo o aluno terá informações sobre a vida e morte de Sócrates. Seu modo de questionar os valores humanos, seu método maiêutico e a sua ironia. Entenderá também como, em filosofia, somos todos, em maior ou menor grau, “socráticos”.*



## 2 SÓCRATES

O espanto que atingira os pré-socráticos ao perguntarem pelo cosmos, a sua inovação ao tentar explicá-lo racionalmente a partir de conceitos secularizados como a água, o indeterminado, os quatro elementos, o logos, o ser, o **nous**, agora muda e a pergunta se dirige ao papel da filosofia na vida do homem.

### Nous

Termo filosófico grego que não possui uma transcrição direta para a língua portuguesa, e que significa atividade do intelecto ou da razão em oposição aos sentidos materiais. Muitos autores atribuem como sinônimo à Nous os termos “Inteligência” ou “Pensamento”. (Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nous> - acessado em: 10/05/2007).

E o que se entende, desde então, por “filosofia” vinculou-se à vida e à morte de Sócrates. Ao tornar-se “antropocêntrica”, a filosofia marcou-se pelas virtudes e vícios humanos. O drama do cosmos ce-deu lugar ao drama humano. Por isso, o caso de Sócrates é exemplar. Sócrates nada escreveu, mas, principalmente pelas obras de Xenofonte e Platão, deixou-nos lições de filosofia e de vida. Desde a sua condenação à morte, a filosofia tornou-se a maior expressão intelectual da humanidade, mas também a sua iminência parda, provocando um misto de mal-estar e de fascínio. Esse mal-estar originou-se na atividade de Sócrates ao por em xeque os saberes, opiniões e as regras estabelecidas; ele levou os homens a indagar os fundamentos dos seus discursos e com isso a negar os saberes fossilizados pela tradição e as autoridades. E assim, pela primeira vez, surgiu o drama filosófico debatendo-se contra os limites da democracia.

A morte de Sócrates, ocorrida no período democrático, não constitui apenas um episódio e um impasse circunstancial, mas lança uma luz reveladora para o que viriam a ser as relações entre a filosofia e o espaço público. Como alertamos, o desenvolvimento intelectual de Sócrates coincide com a época de ouro de Atenas, com a

sua acentuada prosperidade econômica, a experiência da vitória e da derrota militar, mas principalmente pela abertura política que possibilitou chegarem a Atenas as mais diversas correntes de pensamento, concepções religiosas da Magna Grécia e de civilizações ainda mais distantes. Ali a constituição política passou a ser debatida abertamente na praça pública, os teatros encheram-se de cidadãos que iam apreciar as obras de Ésquilo, Sófocles e Eurípedes. Esse teatro não se reduzia ao mero deleite dos espectadores, pois nele unia-se a mais desenvolvida expressão artística da Antigüidade e os problemas que os cidadãos enfrentavam no seu dia a dia.

Um dos testes mais marcantes da democracia ateniense, por volta de 425 a.C., em plena *Guerra do Peloponeso*, Aristófanes levou à cena a comédia *Lisistrata ou a greve do sexo*, onde zombava e escarnecia da loucura da guerra. Mesmo numa época das mais sombrias com grandes perdas humanas e materiais a democracia permitiu que os atenienses rissem da sua estupidez. Esse acontecimento artístico dificilmente poderia ter ocorrido em Esparta ou em cidades ou nações governadas por monarcas ou tiranos.

Com a abertura e liberdade democráticas, Atenas tornara-se um centro intelectual. À cidade, nos períodos de paz ou de guerra, continuava chegando uma romaria crescente de médicos, astrônomos, músicos e matemáticos. Surgiram também as figuras proeminentes dos sofistas como um signo da fermentação espiritual e retórica. Suas mais diversas concepções encontraram solo fértil na cidade cosmopolita. Essa liberdade, porém, estava, como nos dias de hoje, aliás, limitada pelos costumes e pela lei. A lei assegurava a liberdade, mas também a delimitava. E fora desses limites as atividades políticas e intelectuais podiam tornar-se perigosas e ameaçadoras. Ameaçavam a lei e esta as ameaçava. Ultrapassando os limites das leis da monarquia cresceu a democracia, e nos limites da lei democrática irrompeu o drama de Sócrates.

Ainda jovem, Sócrates (470 - 399 a.c) viu o filósofo Anaxágoras, por defender teorias que punham em dúvida a religião e os velhos costumes da pólis ser perseguido e levado ao tribunal

Foi um conflito armado entre Atenas (centro político e civilizacional por excelência do mundo do século V a.C.) e Esparta (cidade de tradição militarista e costumes austeros), de 431 a 404 a.C. Sua história foi detalhadamente registrada por Tucídides e Xenofonte. (Informações retiradas do site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_do\\_Peloponeso](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Peloponeso) - acessado em 10/05/2007).

como uma antecipação do que viria a ocorrer com ele mesmo; Diágoras de Melo foi igualmente processado por impiedade; Protágoras, também condenado como ateu, teve as suas obras queimadas em praça pública.

Foi em meio a essa atmosfera cheia de polêmicas públicas que o filho de um artesão e de uma parteira tornou-se o mais sábio e popular dos filósofos. O mais popular por que, mesmo não tendo transmitido nenhuma doutrina escrita, fez seu pensamento triunfar pelo exemplo; o mais sábio por que sua tarefa foi questionar as certezas estabelecidas numa atividade que se confundiu com a própria vida e que foi responsável pela sua morte. A sabedoria de Sócrates não é livresca. Sua vitalidade está vinculada às discussões mais acaloradas, mas também cheira a suor, ao azeite de oliva, ao vinho e ao peixe do mercado público. Como dissemos, entre os famosos personagens que circulavam pela cidade estavam os famosos sofistas. As discussões entre Sócrates e os sofistas dariam um capítulo à parte, mas é importante ter em conta que numa cidade democrática o poder está na assembléia e que nela se destacam e se impõem os oradores. E os sofistas eram mestres na eloqüência e fizeram um grande sucesso, mas foi contra o seu discurso ocasional e muitas vezes supérfluo que Sócrates reagiu perguntando “o que você quer dizer com isso?”, pois se é fácil discursar sobre tudo é bem mais difícil justificar o que se diz. Os sofistas, porém, mesmo com sua contribuição à arte de falar, foram, por vezes, além dela como foi o caso de *Górgias* que, pela primeira vez, afirmou o **niilismo** com uma ousadia que em muito distancia-se dos pré-socráticos. E por “**niilismo**”, entenda-se que no fundo de tudo não há nada. O ente é basicamente não-ser. O ser é o nada. Diz ele: “*Não há ser. Se há, não pode ser conhecido. Se pode ser conhecido, não pode ser **comunicado***”.

Ora, se Górgias estivesse certo, não haveria escapatória para o homem e tudo seria apenas encenação diante do vazio do não-ser. Os discursos seriam apenas aparência e não haveria como distinguir a verdade do erro, a justiça da injustiça. E foi contra isso que Sócrates reagiu a partir do momento em que encontrou-se com o oráculo de Delfos, quando a sua vida então sofreu uma reviravolta.

*Górgias de Leontini (Leontini, 480 a.C. - Tessália, 375 a.C.). Demonstrou a confusão entre os dois sentidos do verbo “ser”: tal verbo pode tanto ser um verbo de ligação, quanto assumir o significado de existir. Diferenciou a realidade (o ser), o pensamento (o pensar) e a linguagem (o dizer). Ele percebeu que se pode pensar e dizer coisas irrealis; pode acontecer também que o real seja incognoscível (não pode ser conhecido) e incomunicável; e pode ocorrer também que o real, mesmo sendo cognoscível, seja incomunicável. (Informações retiradas do site: [http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B3rgias\\_de\\_Leontini](http://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%B3rgias_de_Leontini) – acessado em: 10/05/2007).*

*Leia mais sobre a importância dos sofistas na formação da filosofia e da democracia, na obra de Werner Jaeger: **Paideia - a formação do homem grego**.*

Conta-se que os anos de aprendizagem do jovem Sócrates chegaram ao fim quando fez uma excursão ao templo de Apolo, em Delfos. Aliás, diga-se de passagem, que ele poucas vezes saía da sua cidade e, quando o fez, foi para defendê-la; participou da guerra contra Samos em 440 a.C., presenciou a cruenta derrota de Dé-lion e participou da batalha de Antífon, envergando a couraça, o escudo, o capecete e a lança de hoplita, como simples soldado da infantaria. Mas foi a pacífica excursão ao templo de Apolo que foi decisiva para a sua vida e para o rumo da filosofia. Lá ele encontrou inscrito nas pedras do templo o dito: **“Conhece-te a ti mesmo”**. E Sócrates o converteu em missão de vida.

Assim, quando o oráculo de Delfos proclamou Sócrates como o mais sábio dos homens operara-se também uma profunda conversão que fez com que o filósofo torna-se o lema da sua mensagem a inscrição no templo, mas dando um passo adiante ao reconhecer que nada sabia, isto é, que o primeiro passo da sabedoria é o reconhecimento da própria ignorância. De ora em diante estava definida a sua tarefa e sua missão de despertar a consciência dos atenienses levando-os a interrogarem-se a si mesmos. Seus passeios por Atenas agora tinham um objetivo e um método, pois, para despertar os seus conterrâneos do seu adormecimento espiritual tinha-se que, num primeiro momento, fazê-los reconhecerem sua própria ignorância e insensatez.

E assim Sócrates passou a polemizar com os militares que em seus discursos enalteciam a coragem no campo de batalha, mas que, quando interrogados sobre o que é a coragem, não sabiam responder; com os poetas que declamavam seus poemas, mas não sabiam o que é a poesia; com os políticos que não sabiam distinguir entre a prudência e justiça; com os juízes que aplicavam a justiça sem saber o que ela é, com os religiosos que condenavam os impiedosos sem saber o que é a piedade. Todos esses profissionais da vida pública paralisavam diante da interrogação socrática.

É claro que não se pode prontamente responder estas perguntas, mas tampouco é possível ficar sem colocá-las. A interrogação sobre o que fazemos retira a nossa confiança imediata, subtrai a nossa felicidade aparente e revela um fundo de ignorância que persiste até o fim das nossas vidas. Não é mais possível ser feliz sem nos interrogarmos a nós mesmos. Uma vez cientes disso, também descobrimos que todo conhecimento parte daí e aí também termina. A pergunta (ontológica) “que há?” agora está dirigida para o próprio ser humano. Ou seja, o “que há” é basicamente o resultado do conhecimento de nós mesmos.

E assim, numa cidade cheia de sábios e gente astuta nos discursos públicos, Sócrates foi proclamado como o mais sábio dos homens não por que sabia mais do que eles, mas precisamente por reconhecer que nada sabia. E é neste sentido que se tem de entender a assertiva: “**Conhece-te a ti mesmo**”. Isto é, conhecer-se a si mesmo é, antes de mais, saber-se ignorante. Esse é o primeiro passo para sabermos algo de nós. Chegar até aí, porém, não é fácil. Exige um “parto espiritual” (a **maiêutica**).

Vejamos como – no diálogo *Alcebiades – ou Sobre a natureza do homem* (128e-129a) - o jovem Platão descreve atividade do seu mestre.

Sócrates – Agora, qual será a arte pela qual poderíamos nos preocupar tanto?

Alcebiades – Isto eu ignoro.

Sócrates – Em todo o caso, estamos de acordo num ponto: não é pela arte que nos permita melhorar algo que nos pertence, mas pela que faculte uma melhoria de nós mesmos.

Alcebiades – Tens razão.

Sócrates – Por outro lado, acaso poderíamos reconhecer a arte que aperfeiçoa os calçados, se não soubéssemos em que consiste um calçado?

Alcebiades – Impossível.

#### Maiêutica

É o momento do “parto” intelectual da procura da verdade no interior do homem. A auto-reflexão, expressa “conhece-te a ti mesmo” põe o homem na procura das verdades universais que são o caminho para a prática do bem e da virtude. (Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Mai%C3%AAutica> – acessado em: 10/05/2007).

Sócrates – Ou a arte que melhora os anéis, se não soubéssemos o que é um anel.

Alcebíades – De fato, não.

Sócrates – Então, por ventura podemos conhecer a arte de nos tornarmos melhores sem saber o que somos?

Alcebíades – Não, isso não é possível.

Sócrates – Entretanto, será fácil conhecer-se a si mesmo? E teria sido um homem ordinário aquele que colocou este preceito no templo de Pito? Ou trata-se pelo contrário de uma tarefa ingrata que não está ao alcance de todos?

Alcebíades – Quanto a mim, Sócrates, julguei muitas vezes que estivesse ao alcance de todos, mas algumas vezes ela é muito difícil.

Sócrates – Que seja fácil ou não, Alcebíades, estamos sempre em presença do seguinte fato: somente conhecendo-nos é que poderemos conhecer a maneira de nos preocupar conosco; sem isto, não o podemos.

Alcebíades – É muito justo.

(SAUVAGE, 1959, p. 131)

Nesse diálogo já se pode entender que no método socrático unem-se a discussão e a ironia. Sócrates empregará a ironia ao longo da sua missão e mesmo no momento da sua morte. A ironia não é uma teoria ou doutrina, mas um procedimento de intervenção sutil e corrosivo. Muitos de nós a empregamos no cotidiano. Mas, no caso de Sócrates, a ironia tornou-se um estilo de vida. Um estilo de vida que visava sacudir os preconceitos estabelecidos. A ironia tende a abalar tudo o que parece consistente e sólido. Ela ridiculariza a autoridade. Por isso, ela é irmã gêmea do riso. Nem todo riso é irônico, mas toda a ironia provoca o riso. A grandeza da ironia de Sócrates é a de que ele não a dirigia apenas aos outros, mas tomava a si mesmo como exemplo.

O famoso “*sei que nada sei*” é um dito irônico, pois ao reconhecer que nada sabe, ele sabe o que mais importa: que sabe da sua própria ignorância. Entre os que ele interpelava surgiram os que lhe questionavam assim: “Tudo bem, Sócrates, mas então o que você entende por coragem, por justiça, por lei, por piedade?”

E como lhes poderia responder Sócrates se não com um: “eu também não sei”. Assim, levar o interlocutor a entender a ignorância em que estava mergulhado era o real objetivo de Sócrates. Esse é o primeiro passo para o auto-conhecimento, mas, tenha ele a certeza que tiver, nenhum conhecimento de si está livre da ironia. Daí por que a ironia é mais importante do que o conhecimento.

Nas obras de Xenofonte e Platão são relatados inúmeros casos em que Sócrates usa da ironia para mostrar a fragilidade dos nossos atos e palavras. Ao sair do recinto do tribunal onde fora condenado à morte, Sócrates viu-se cercado pelos discípulos e amigos que lamentavam uma decisão tão terrível. Apolodoro aproximou-se afetuosamente do mestre e lhe disse: “De minha parte, Sócrates, o que me causa mais pesar é ver-te morrer injustamente”. Ao que Sócrates respondeu consolando docemente o amigo: “Meu caro, preferirias, então, ver-me morrer justamente em vez de injustamente?”. E Sócrates pô-se a rir. Seu riso, porém, não é um riso qualquer. É o riso do distanciamento, da sabedoria que não cerra fileiras com a maldade e a injustiça. É um riso libertador da opressão.

Na obra magistral *A defesa de Sócrates*, Platão trata da defesa do sábio perante seus acusadores Anito e Meleto. E a acusação contra ele era dupla: corrupção da juventude e impiedade. No texto de Platão, uma fina ironia marca todo o discurso. O momento em que Sócrates se dirige aos atenienses é tão pungente que vibra até hoje nos nossos ouvidos, pois nele encontra-se uma denúncia que nos persegue, como o entorpecimento e a indiferença diante da injustiça. Uma espécie de “consciência infeliz”, que nos recusamos a assumir, mas sem a qual já não teríamos nenhuma dignidade. Diz Sócrates:

*“Cidadãos, não vos sendo fácil encontrar quem me iguale, caso nisto convenhais comigo, acabareis por vos decidir a me conservar preciosamente. Todavia, é bem possível que vos impacientes, como acontece a sonolentos arrancados ao sono e, num ímpeto de cólera, prestando crédito a Anito, me obrigueis à morte impensadamente. Consumado esse fato passareis o restante da vida a dormir tranqüilamente.” (29e-31b)*

O fato é que, depois de Sócrates, não mais poderemos dormir tranqüilamente. A sonolência não é um problema físico, mas a aceitação do mal. E, contra a sonolência, a ironia tornou-se uma arma poderosa da filosofia. Poder-se-ia dizer: a filosofia socrática é a terapia pela ironia. Diante do tribunal, do povo sonolento, das leis estabelecidas e até pondo-se a si mesmo em risco, Sócrates não hesitou em aplicar esse remédio muitas vezes amargo. Pois o riso da ironia não é o riso circense ou desopilador da mera diversão e que leva ao prazer desinteressado. A ironia fere. Ela abre a consciência como o bisturi abre a carne.

Hoje, têm-se mais informações sobre o processo contra Sócrates. Sabe-se que o sábio era amigo de muita gente ligada ao partido aristocrata e que, quando terminou a guerra do Peloponeso com a vitória de Esparta, o almirante Lisandro condenou à morte milhares de democratas, em 401 a.C.. Não foi por acaso que o processo contra Sócrates foi instaurado com a volta dos democratas ao poder em Atenas, por volta de 399 a.C.. É bem possível que Sócrates tenha sido um bode expiatório nesse processo de vingança entre as facções políticas atenienses. Seja como for, a sua defesa é um marco na história da humanidade por que lança uma suspeita eterna sobre as leis e os procedimentos da justiça. Não há lugar aqui para uma dramaturgia cósmica. Ela adquire a face humana. E mais, aqui o drama do homem se confunde com o drama da cidade.

O lema assumido por Sócrates “*conhece-te a ti mesmo*” não nos deve iludir como um apelo à individualidade, pois ele se dirige a todos, inclusive àqueles que aplicam a lei. Quando o sábio provoca os homens a olharem-se moralmente em si mesmos, sua intenção é a de que, ao fazerem isso, estarão lançando-se para além de si mesmos, nos outros. Esse amor à sabedoria só tem sentido quando leva os homens a preocuparem-se com a sua comunidade e com o aperfeiçoamento da sua vida civil.

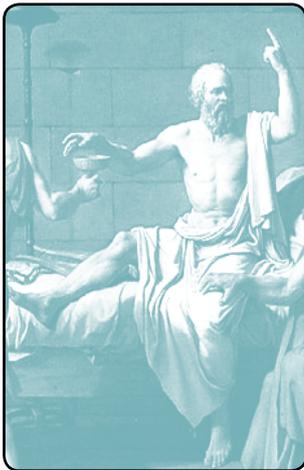
O destino de Sócrates associa-se ao destino da sua cidade. Por isso, o seu exemplo adquire a mais alta e comovente expressão no momento em que, julgado culpado, teve de escolher entre o exílio

e a morte. Sabiamente, escolheu a morte. Se tivesse preferido o exílio que significado teriam seus ensinamentos ao longo da sua vida pública? Fora da cidade onde vivera setenta anos, por quem lutara, onde cresciam seus filhos, fizera amigos e se educara discutindo com os homens mais brilhantes do seu tempo, ele nada seria. E que lhe importava a breve vida que lhe restava?

A morte de Sócrates é a derradeira demonstração de seu amor pela sua cidade e serviu como exemplo e provocação para que os atenienses refletissem sobre a legitimidade da sua condenação. Seu objetivo era refutar seus acusadores indagando pelas leis e a justiça que levavam à sua condenação. A crítica aos discursos desvairados, aos preconceitos estabelecidos e as opiniões apressadas abriu a possibilidade de toda a filosofia que se seguiu e não é por acaso que a filosofia se divida antes e depois dele.

A figura de Sócrates que irrompeu no cenário histórico há 2500 anos é, paradoxalmente, a que nos está mais próxima. Fazer filosofia será sempre estar próximo de Sócrates. Essa proximidade torna a filosofia não um privilégio de poucos, mas um ofício de todos. Ele a exercitou na praça, no mercado e na casa dos amigos. Hoje podemos exercê-la através dos meios de comunicação que transformaram o planeta numa *polis* complexa e vertiginosa. Uma aldeia global onde tendem a esfumar-se a diferença entre a essência e a aparência, o ser e o não-ser, o real e o virtual.

A filosofia, para Sócrates, não se restringe à erudição e à razão pura. Seu pensamento foi associado à razão, mas nele também havia espaço para o sagrado. No diálogo *Fédon – ou da alma*, Platão narra o últimos instantes do mais sábio dos gregos, rodeado como sempre pelos seus diletos amigos e discípulos. Quando o efeito do veneno começou a paralisar-lhe os membros e sabendo que quando chegasse à altura do coração seria o fim, o filósofo chamou Críton que se apressou a ouvir suas últimas palavras: “Críton, devemos um galo a Asclépios; pois bem, pagai minha dívida, não esqueçais dela” (116e - 118). Mas, se Sócrates abriu o caminho da razão não o fez eliminando totalmente as relações dos homens com os deuses que, aliás, desde seu mundo inacessível para os mortais,



Detalhe de “A morte de Sócrates”. (Foto retirada do site: <http://www.fortunecity.com/campus/anlaby/155/socrates.jpg>. “Sócrates no leito de morte”, por: Jacques-Louis David, 1787. Acessado em 07/05/2007).

podariam mandar outros que, como ele, continuariam impedindo que se adormeça diante da injustiça. Ou seja, para Sócrates o conhecimento de si não é suficiente para que se possa dispensar o sagrado.

Sócrates deixou-nos uma lição que ultrapassou os limites da *pólis* para se inscrever no destino da humanidade: uma vida não examinada não vale a pena ser vivida. Esse conhecimento de si é também um domínio de si. Cuidar de si mesmo é examinar-se a si mesmo. Lá no fundo desse exame está a marca de Sócrates. Ele fez parte da nossa memória coletiva que guardaremos enquanto existir nossa civilização. Desde sua morte teve uma legião de admiradores e um ou outro detrator como F. Nietzsche que via em sua dialética o pior de todos os males. Mas suas críticas não conseguiram apagar aquilo que foi a lição mais importante do sábio: **é impossível ser um homem sem questionar-se a si mesmo.**

E assim como cada um de nós tem um maior ou menor poder, maior ou menor sucesso em seu auto exame, também cada um de nós “tem o Sócrates que pode”; isto é, cada um tira algo da sua lição uma advertência sobre aquilo que somos e fazemos. Isto é, em cada um de nós desenvolve-se constantemente montado e remontado o tribunal em que Sócrates foi julgado; assim, ao nos conhecermos, estamos julgando-o novamente. Sócrates não foi absolvido e nem nós nunca mais o seremos. A procura pela inocência perdida no drama de Sócrates está incorporada ao nosso estilo de vida. Não foi por acaso que dos seus ditos e exemplos surgiram as mais variadas escolas filosóficas como a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles, e também as escolas dos “socráticos menores”, como das dos cínicos, cétricos e estóicos. Cada modo de viver, se for autêntico, terá lá no fundo uma figura de Sócrates chamando a atenção de que, apesar da errância das nossas vidas mundanas, não podemos aceitar o mal. Mas o mal não poderá ser eliminado sem reconhecermos que temos uma relação de cumplicidade com ele. Esse tribunal em que cada um de nós se transformou, como mostrará o discípulo Platão, estará sempre nos alertando que a maior desgraça para um homem não é ser objeto da injustiça, mas de cometê-la.

A sabedoria de Sócrates deu lugar à filosofia de Platão. A morte do mestre foi tão marcante para Platão que poder-se-ia dizer que a sua obra foi uma tentativa de encontrar uma resposta para esse acontecimento extraordinário. A morte do mais sábio dos homens tornou-se o assunto do maior dos filósofos. E se filosofia, a seguir, tornou-se platonismo, então ela carregará para sempre o peso do drama socrático. Como foi possível condenar à morte o mais sábio dos homens? A morte de Sócrates, semelhante a de Jesus Cristo, mostrou que este mundo é um lugar suspeito e condenável.

A ontologia platônica baseada na procura pelas idéias eternas e perfeitas tem a ver com um mundo em que sábios como Sócrates não estariam mais sujeitos à injustiça e à imperfeição. Obviamente, o mundo supra-sensível tem pouco a ver com o mundo sensível e precário em que Sócrates morreu. Mesmo tendo uma morte injusta, a alma de Sócrates libertou-se dele. Com seu drama, porém, o problema da morte tomou direções distintas. Entre os estóicos, o homem terá de cuidar prudentemente de si na juventude para chegar à velhice e, nesta, tem de cuidar para que sua morte não o atormente. E se, mais tarde, o cristianismo considerou a morte como o pecado e o mal, para Platão ela não é um problema sentimental, mas teórico.

### Soteriologia

A soteriologia é a área da Teologia Sistemática que trata da doutrina da salvação humana. Deus, em seu infinito amor e misericórdia, destinou todos os homens à salvação, sendo, pois pró-ativo em busca do pecador, enviou Seu Filho, Jesus Cristo à terra, para morrer pelos pecadores, e assim lhes assegurar o perdão. (Informações retiradas do site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Soteriologia> - acessado em: 10/05/2007).

Em Platão, a redenção da alma não se dá pelo perdão, pelo amor ou pela sabedoria prática da vida, mas pelo **conhecimento**. A morte não é o fim de tudo, mas ao contrário, é o começo do fim da mais terrível das escravidões: a ignorância. Através das sombras deste mundo é preciso conhecer o Bem maior e, então, a morte será apenas uma etapa da libertação ou da salvação. A filosofia platônica tornou-se, então, **soteriologia**.

A tarefa da filosofia passa a ser a busca da salvação através do conhecimento. O mérito de Sócrates foi ter indicado esse caminho, que Platão, a seu modo, resumiu na famosa expressão: “**filosofar é aprender a morrer**”. (*Fédon* 81 a: μελέτη θανάτου)

## LEITURA RECOMENDADA

CHATELET, F. A filosofia pagã. In: \_\_\_\_\_. *História da Filosofia I*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

QUINE, W. V. Sobre o que há. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTOFANES. *Defesa de Sócrates*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

## REFLITA SOBRE

- Qual a diferença entre o questionamento de Sócrates e o dos pré-socráticos?
- Qual a função da ironia?
- Qual é o significado da expressão “conhece-te a ti mesmo”?
- Qual é o significado de morte de Sócrates?